

"Vejo a Seleção como um sonho"

ENTREVISTA | CAMILA

"Vejo a Seleção como um sonho"

Revelação do vôlei, levantadora do Minas fala de seus sonhos tão logo se recupere da lesão no joelho

Bruno Voloch

Apesar das recentes conquistas, o vôlei feminino brasileiro ainda busca uma substituta para a levantadora Fofão, que semana passada completou 40 anos. Ela garante que não quer mais saber de Seleção Brasileira. Dani Lins, Ana Tiemi e Fabíola são as mais cotadas para a convocação após o encerramento da Superliga. No entanto, outro nome poderia surgir na lista. A mineira Camila, de 23 anos, que vinha se destacando no Minas. Mas o sonho de Camila, revelação na posição, terá que ser adiado. Nesta entrevista, ela conta o drama que está vivendo depois de se contundir e romper os ligamentos do joelho esquerdo no jogo contra Osasco.

Como você está no momento?

– O joelho está imobilizado. Ando com uma muleta e espero definir o dia da cirurgia.

E o lance da contusão?

– Eu levantei uma bola china pra Natasha e fiquei bloqueando no meio. Aí levantaram uma bola pra Natália na saída de rede, fui bloquear e quando caí, pisei no pé da Fernanda, que estava bloqueando do meu lado. Torci o joelho. Tive uma pequena lesão de menisco e a ruptura do ligamento cruzado anterior.

Você sentiu que a contusão era grave?

– Sim, já sabia porque já tinha torcido o outro joelho também e quando caí senti as mesmas coisas. Operei o direito quando jogava por Osasco em 2005.

E você sabe quando volta?

– Os médicos dizem de seis e oito meses. Depende de cada caso.

Fala um pouco de sua carreira?

– Disputei os dois Mundiais da base em 2003 e 2005. Joguei os dois anos de juvenil em Osasco, depois joguei em Macaé, Aracatuba e em São Caetano.

E Seleção Brasileira?

– Um dia quero jogar na seleção e disputar uma Olimpíada. Estava feliz com meu trabalho, acho que estava no caminho certo para as coisas melhorarem, mas prefiro deixar essa pergunta para o Zé Roberto. Não quero me precipitar, ainda vejo a seleção como um sonho.

Hoje a Seleção está bem servida?

– Muito difícil dizer. Mas, seguindo essa proposta de renovação de seleção, esse foi o camin

inho natural das coisas. A Dani Lins evoluiu muito nos últimos tempos, amadureceu bastante como jogadora e a Ana Tiemi sempre foi a grande expectativa como levantadora desde os tempos de seleção de base. No momento são as duas e quem sabe um dia eu não entro nesse cenário pra mostrar o meu trabalho e lutar por uma vaga também.

E os ídolos na posição?

– Sempre achei a Fernanda Venturini um exemplo, mas no ano passado depois de trabalhar com a Fofão me encantei por ela. Como jogadora e como pessoa. Ela é um grande

exemplo de persistência e sucesso. Hoje em dia posso dizer que é a Fofão, porque tive mais contato com ela.

Quem foi seu melhor técnico?

– O melhor treinador é sempre aquele que está com a gente. Não adianta treinar com um e sonhar com o outro. Você tem que acreditar no trabalho do seu treinador e manter o objetivo comum para ter sucesso. Isso é o que eu acho que está acontecendo esse ano no Minas.

Você chama a atenção pela maturidade aos 23 anos. Por quê?

– Sou madura sim, fui criada para o mundo como dizem e desde pequena participava da conversa de adultos. Sempre gostei de sentar numa mesa e saber falar de qualquer assunto, isso é uma coisa que me dá prazer.

Você mudaria alguma coisa na sua carreira?

– A única coisa que mudaria se existisse um jeito seriam as minhas contusões. Ninguém quer se machucar nunca, mas acho que mesmo com todas elas aprendi a ser mais forte e cada vez mais tenho vontade de lutar e buscar o meu espaço. Nem operei ainda e já me vejo jogando e fazendo muita coisa na próxima Superliga.

"Vejo a Seleção como um sonho"

Divulgação

